

# Cultura popular e educação popular: convergências e divergências

Luiz Eduardo W. Wanderley\*

---

## Resumo

O texto aborda, inicialmente, as noções de folclore, tradição e senso comum, mostrando ambivalências e assimetrias. Depois, traz à luz comentários sobre os conceitos de cultura, cultura popular e educação de base no Movimento de Educação de Base (1961-1965). E cita afirmações de autores sobre cultura popular, culturas urbanas, e suas relações com a educação. Exemplifica este contexto com iniciativas governamentais e da sociedade civil: Virada Cultural; Curso de Verão realizado pelo Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular – CESEEP; a Agenda Cultural da Periferia produzida pela organização Ação Educativa.

**Palavras-chave:** senso comum; cultura; educação; cultura popular; educação popular, culturas urbanas; Curso de Verão; Agenda cultural da Ação Educativa.

## Abstract

The paper discusses, first, the notions of folklore, tradition and common sense, showing ambivalence and asymmetries. Then he brings out comments on the concepts of culture, popular culture and education based on the Basic Education Movement (1961-1965). And he cites statements by authors of popular culture, urban cultures, and their relationship with education. Exemplifies this context with government initiatives and civil society: Cultural Turn; Summer Course conducted by the Ecumenical Service for Evangelization and Popular Education - CESEEP; Agenda Cultural Periphery produced by the organization Educational Action.

**Keywords:** common sense; culture; education; popular culture; popular education; urban cultures; summer school; the Education Action Agenda cultural.

---

\* Professor titular do Departamento de Sociologia da PUCSP, na qual foi reitor (1984-1988), e coordenador do Núcleo de Estudos Latino-Americanos – NELAM do Pós em Ciências Sociais da PUCSP. Publicou: *Educar para Transformar- educação popular, Igreja Católica e política no Movimento de Educação de Base* (Vozes, 1984); *O que é Universidade* (Brasiliense, 1994), *Democracia e Igreja Popular* (Educ, 2007); *Educação Popular: metamorfoses e veredas* (Cortez, 2010). É sócio da Ação Educativa e membro do CESEEP e do CEDEC. E-mail: marilew@uol.com.br

## Conceitos teóricos e práticos

Em diversos textos, expus um conjunto de elementos sobre distintas concepções de cultura e de educação em termos amplos. No livro *Educação Popular: metamorfoses e veredas* (Wanderley, 2010), registrei conceituações diversificadas sobre cada termo, e as complexas e inovadoras relações que mantêm entre si. Retomo aquelas mais diretamente vinculadas com o tema selecionado para este texto, e acrescento novas.

Como é conhecido, certas expressões mantêm vínculos, nos estudiosos e na opinião pública em geral, com outras noções próximas, ora quase vistas como sinônimos, ora com similaridades inconsequentes. Para exemplificar, aponto três conhecidos e interpretados de diversas maneiras – folclore, tradição e senso comum – que estão sendo reinterpretados e ressignificados em função, principalmente, das transformações trazidas pela globalização, neoliberalismo, pós-modernidade, etc.

A primeira é o *folclore*. Nos dizeres do *Novo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, ele é exposto como: 1. *Conjunto das tradições, conhecimentos ou crenças populares expressas em provérbios, contos ou canções.* 2. *Conjunto das canções populares de uma época ou região.* 3. *Estudo e conhecimento das tradições de um povo, expressas nas suas lendas, crenças, canções e costumes; demologia; demopsicologia.* Como se pode perceber, neste caso ele envolve tradições, costumes, crenças. No seu *Dicionário Eletrônico*, comparecem ademais: *coisa fantasiosa, inverídica; aspecto ou característica pitoresca ou antiquada.*

Passando para a noção de tradição, no mesmo Compêndio, ele é: 1. *Ato de transmitir ou entregar.* 2. *Transmissão oral de lendas, fatos, etc., de idade a idade, geração a geração.* 3. *Transmissão de valores espirituais através de gerações.* 4. *Conhecimento ou prática resultante de transmissão oral ou de hábitos inveterados.* 5. *Recordação, memória,* 6. *E. Ling. O conjunto dos testemunhos conservados ou desaparecidos, em que se materializou um texto ao longo do tempo.* Para alguns especialistas, tanto o folclore, como a tradição, quase sempre foram utilizados para legitimar práticas e posturas de dominação. É possível interpretá-los num sentido distinto, como pontos de partida e de lutas para uma visão e ações transformadoras? Sim, no modo de pensar de pessoas que refletem sobre estas noções e buscam utilizá-las numa práxis de libertação.

Stuart Hall comenta tradição numa outra ótica:

A tradição é um elemento vital da cultura, mas ele tem pouco a ver com a mera persistência das velhas formas. Está muito mais relacionado às formas de associação e articulação dos elementos. (...) Os elementos da tradição não só podem ser reorganizados para se articular a diferentes práticas e posições e adquirir um novo significado e relevância. Com frequência, também, a luta cultural surge mais intensamente naquele ponto onde tradições distintas e antagônicas se encontram ou se cruzam. Elas procuram destacar uma forma cultural de sua inserção em uma tradição, conferindo-lhes uma nova ressonância ou valência cultural. As tradições não se fixam para sempre: certamente não em termos de uma posição universal em relação a uma única classe. As culturas concebidas não como formas de vida, mas como formas de luta constantemente se entrecruzam: as lutas culturais relevantes surgem nos pontos de intersecção. (2003, pp. 259-260, apud Telmo Marcon, 2009, p. 59)

Completando estes enunciados que se entrecruzam em diferentes posições, trago um outro termo, também motivo de controvérsias, empregados por autores de divergentes posturas teóricas. Trata-se do *sensu comum*. Se, por uma parte, ele é considerado como coisa fantasiosa, inverídica, característica antiquada ou pitoresca, por outra parte, ele é entendido como algo expressivo, fonte de novas concepções e elemento indispensável no entrelaçamento com a ciência. Na bibliografia histórica, ele surge como algo que é imposto pela tradição aos povos, falso, conjunto de equívocos, coisa que foi subordinada, manipulada ou superada com o surgimento da ciência ocidental. Boaventura Sousa Santos traz uma questão interessante, quando propõe uma distinção histórica que ele traduz por primeira ruptura epistemológica, definidora de dois tipos de conhecimento – o conhecimento verdadeiro, dado pela ciência, em oposição ao *sensu comum*, mas que implicam-se mutuamente. Mesmo não concordando com o teor abrangente que oferece para o que chama de paradigma emergente – tecido pela pós-modernidade – é fértil a proposta de uma dupla ruptura epistemológica, na emanção de um conhecimento científico que se transforme num novo *sensu comum*. O que, segundo seu escopo, tem de romper com o *sensu comum* conservador, mistificado e mistificador, e transformá-lo num *sensu comum* emancipatório, cuja posição emblemática é a de se concretizar um conhecimento prudente para uma vida decente. Assumindo uma feição utópica e libertadora presente em muitos aspectos do conhecimento do *sensu comum*, ele

assume certos vetores instigantes, no trecho a seguir, que já reproduzi algumas vezes por estar fincado em componentes expressivos:

Assim, o senso comum faz coincidir causa e intenção; subjaz-lhe uma visão de mundo assente na acção e no princípio da criatividade, e da responsabilidade individuais. O senso comum é prático e pragmático; reproduz-se colado às trajectórias e às experiências de vida de um dado grupo social e, nessa correspondência, inspira confiança e confere segurança. O senso comum é transparente e evidente; desconfia da opacidade dos objetivos tecnológicos e do esoterismo do conhecimento em nome do princípio da igualdade do acesso ao discurso, à competência cognitiva e à competência linguística. O senso comum é superficial porque desdenha das estruturas que estão para além da consciência, mas, por isso mesmo, é exímio em captar a complexidade horizontal das relações conscientes entre pessoas e entre pessoas e coisas. O senso comum é indisciplinar e não metódico; não resulta de uma prática especificamente orientada para o produzir; reproduz-se espontaneamente no suceder quotidiano da vida. O senso comum privilegia a acção que não produza rupturas significativas no real. O senso comum é retórico e metafórico; não ensina, persuade ou convence. Finalmente, o senso comum, nas palavras de Dewey, funde a utilização ou a fruição, o emocional com o intelectual e o prático (Dewey e Bentley, 1949, p. 276). (Sousa Santos, 2000, p. 108)

Num outro prisma analítico, em minha história pessoal, com destaque para o período de 1960 a 1964, fiz parte do Movimento de Educação de Base – MEB. Em um livro em que sintetizo a dinâmica e os projetos realizados por este Movimento (Wanderley, 1984), mostrei a criatividade das ações desenvolvidas e questionamentos sobre tópicos voltados para as relações entre cultura popular e educação popular. O grande desafio, como ficou demonstrado, estava em como articulá-los e entendê-los, por um lado, propondo abordagens inovadoras, muito convergentes com as ideias de Paulo Freire (pedagogia do oprimido) e de outros movimentos transformadores daquela época, que valorizassem o saber existente nas populações atingidas – conscientização – e possibilitasse o encontro de meios e ações para mudanças do tipo micro e macro, nos âmbitos local, regional e nacional – politização.

Naquela década e no âmbito das propostas correlacionadas, é válido lembrar dos Movimentos de Cultura Popular (MCP) e do Centro Popular de Cultura da UNE. Para o MEB, uma definição de cultura relacionada ao popular (também utilizada pela Ação Popular) dizia: “Cultura é o

processo histórico (e portanto de natureza dialética) pelo qual o homem em relação ativa (conhecimento e ação ) com o mundo e com os outros homens, transforma a natureza e se transforma a si mesmo, construindo um mundo qualitativamente novo de significações, valores e obras humanas, e realizando-se como homem neste mundo humano”. Neste sentido, a cultura é histórica, social, pessoal e universal, traduzida em transformação da natureza e comunicação com os outros homens (formulações baseadas em Lima Vaz, apud Fávero, 2006, pp. 84-85).

Com base nesta configuração, a cultura popular era entendida como conflito e motivo de libertação. Organicamente vinculada com a noção de conscientização.

Deve dar possibilidades de opção ao povo, embora não possa impor essa opção, porque ela deve ser encontrada pelo próprio povo. Esta opção decorre da plena consciência que o homem adquire das diferenças e desníveis entre os grupos que formam a sociedade e da necessidade de uma transformação dos padrões culturais, políticos, sociais e econômicos que os determinam [MEB, 31, p. 9 e 1965c, p. 9]. (apud Fávero, 2006, p. 87).

Dentre a teia de atividades concretizadas, para além dos cursos sistemáticos pelo rádio, almejando integrar conscientização e politização, podem ser salientados os projetos de animação popular (com raízes em iniciativas da França e do Senegal, mas com traços próprios trazidos pelo MEB), dos quais vale recordar as Caravanas Populares de Cultura que dinamizaram: publicações, artesanato, música, canto, dança, folclore, teatro, cinema, e o próprio rádio. A explicitação do que se entendia por animação popular era assim expressa:

Animação popular é um processo de estruturação de comunidades e organização de grupos, progressivamente assumido por seus próprios membros, a partir de seus elementos de liderança. A comunidade organiza-se em consequência da descoberta de seus valores e recursos frente a suas necessidades, em busca da superação de seus problemas sociais, econômicos, culturais, políticos e religiosos e no sentido da afirmação de seus membros como sujeitos [MEB, 166, p. 26]. (apud Fávero, 2006, p. 224)

No caso da cultura, com ênfase no popular, um ponto fecundo e refinado trabalhado naquele tempo estava em seu entrelaçamento com a noção de consciência histórica:

É como intencionalmente universal que a cultura deve ser dita popular. Cultura popular não significa vulgarização, banalização, ou passar ao povo um irremediável atestado de burrice, criando qualquer coisa nesse nível que se denomina 'cultura popular'. É popular a cultura quando é comunicável ao povo, isto é, quando suas significações, seus valores, ideias, obras, são destinados, efetivamente, ao povo e respondem às suas exigências de realização humana em determinada época, em suma, à sua consciência histórica real. E é também como universal que a cultura é nacional: enquanto integra as consciências dentro da nação, no plano de sua realização humana, e as situa, assim, na linha do movimento histórico essencial de universalização efetiva e de criação de uma cultura para todos os homens. (Wanderley, 1984, pp. 327-328)

Para explicitar o entrelaçamento dos conceitos traduzidos no título deste texto, foi constatado que, depois de uma rápida atuação do MEB, nos seus primeiros anos, progressivamente, ele assume uma definição de educação de base mais abrangente e crítica:

Considerando as dimensões totais do homem, entende-se como educação de base o processo de autoconscientização das massas, para uma valorização plena do homem e uma consciência crítica da realidade. Esta educação deverá partir das necessidades e dos meios populares de participação, integrados em uma autêntica cultura popular, que leva à uma ação transformadora. Concomitantemente, deve propiciar todos os elementos necessários para capacitar cada homem a participar do desenvolvimento integral de suas comunidades e de todo o povo brasileiro [MEB, 85]. (Apud Fávero, 2006, p. 80)

Em tempos posteriores, um destaque, que tenho reproduzido por suas implicações, deriva das reflexões de Alfredo Bosi (1992, pp. 324 ss.), que sugere uma interpretação valiosa para uma reflexão crítica. Ele situa a cultura popular no que chama de materialismo animista, tido como a filosofia subjacente a toda a cultura radicalmente popular.

Materialismo, enquanto o homem conhece, por força de suas obrigações diárias, o uso da matéria, lida com a terra ou com instrumentos mecânicos, que são o seu meio único de sobrevivência. Daí, lhe vem um realismo, uma praticidade, um senso vivo dos limites e das possibilidades da sua ação, que convergem para uma sabedoria empírica muito arraigada, e que é a sua principal defesa numa economia adversa. Ao homem pobre a à mulher pobre cabe, sempre, a tarefa de enfrentar a resistência mais pesada da Natureza e das coisas. Mas esse

mundo da necessidade não é absolutamente desencantado, para usar do atributo com que Max Weber qualificou o universo da racionalidade burguesa. Há na mente dos desvalidos uma relação tácita com uma força superior (Deus, a Providência); relação que, no sincretismo religioso, se desdobra em várias entidades anímicas, dotadas de energia e intencionalidade, como os santos, os espíritos celestes, os espíritos infernais, os mortos; e assimila ao mesmo panteão os ídolos provindos da comunicação de massa ou, eventualmente, as pessoas mais prestigiadas no interior da sociedade. Assim, um cabal empirismo ou realismo no trabalho e na esfera econômica básica se conjuga com um universo potencialmente mágico, ora fasto, ora nefasto, construído de azares, sortes, simpatias, maus-olhados, pés direitos e pés esquerdos, e se concretiza nos objetos que a crítica racionalista se acostumou a considerar supersticiosos: imagens, fotos, figas, fitas, amuletos, medalhas, bentinhos, pedras, ervas, animais, que compõem o sistema simbólico do animismo brasileiro nas suas faixas mais pobres, embora, a rigor, não exclusivamente nelas.

E acrescenta que esse materialismo animista tem sido transmitido por séculos, principalmente no meio rural, mas também no urbano, é respeitoso dos ciclos da natureza, tem uma visão cíclica da natureza e da história, aceita com facilidade a crença na reencarnação. E que essa cultura é grupal, supraindividual, o que garante a sua perpetuação.

Nessa ótica, fincados em abordagens distintas, considerando as polêmicas, interpretações, e mesmo conflitos em curso pelo mundo afora, outros analistas também destacam o lugar central ocupado pela religiosidade popular, levando em conta a compreensão da cultura popular brasileira, e mesmo latino-americana. No Brasil, pode-se registrar: a religiosidade trazida pelos negros africanos e suas adaptações e tensões com o catolicismo, traduzidas no sincretismo religioso; a religiosidade dos indígenas; a religiosidade das populações camponesas; a religiosidade civil que permeia toda a sociedade; sem ignorar outras influências crescentes de religiões de cunho protestante, tradicionais e carismáticas, de religiões islâmicas, de seitas, com impactos maiores ou menores nos meios populares, mas não só neles.

Refletindo sobre as mudanças ocorridas com a globalização, e como se constituem os processos de modernização na América Latina, é válida a perspectiva adotada por Martin-Barbero (apud Domingues e Maneiro, 2006, pp. 38-41), no crivo sobre as culturas urbanas. “Ao falar de novas culturas urbanas, mencionamos especialmente as profundas

mudanças que hoje afetam as maneiras de estar juntos. Essas mudanças correspondem a processos de urbanização selvagem, acelerados e estreitamente ligados aos imaginários de uma modernidade identificada com a velocidade dos fluxos e com a fragmentação das linguagens da informação”. Ele aponta o fato da desurbanização, ou seja, segmentos populacionais que perderam os referenciais culturais e se sente insegura.

Nesse espaço, indico mais algumas contribuições, que retomam os veios férteis já enunciados. Apesar de ser insistente, mas reconhecendo sua importância e significado no debate contemporâneo, apresento trechos de análises por autores comprometidos com estas orientações críticas e valiosas, que constam da publicação citada (Wanderley, 2010).

Comentando as relações entre a educação popular e a cultura popular, considerada uma temática inovadora e criativa na América Latina, Oscar Jará Holliday explicita que a educação popular é um fenômeno sociocultural, e:

[...] faz referência a uma multiplicidade de práticas com características diversas e complexas, que têm em comum uma intencionalidade transformadora. (...) Entre elas, há práticas que articulam o micro e o macro, o local e o global, que vinculam dimensões organizadoras, investigadoras, pedagógicas e comunicativas em um mesmo processo dinâmico integral e transdisciplinar. Há outras restritas aos trabalhos grupais e comunitários, concentradas em alguma dimensão particular e sem uma explícita visão de complexidade. (...) São, enfim, práticas e propostas teórico-metodológicas carregadas de empenho e utopia que atuam respondendo a necessidades concretas e imediatas, ao mesmo tempo em que aspiram à construção de novas relações humanas. (Apud Unesco, 2005, pp. 241-242)

Carlos Nunez Hurtado aponta, nas palavras que pronunciou na inauguração do evento intitulado “Diálogos Freire-Morin” (sobre o pensamento de Paulo Freire e de Edgar Morin), realizado no México, e oferecendo impulsos para o debate latino-americano sobre novos paradigmas de educação popular, tendo em vista o século XX:

A contribuição de ideias, o fortalecimento de compromisso e a geração de propostas constituem ingredientes insubstituíveis na busca de um novo modelo civilizatório e de um renovado paradigma educativo que ajude a humanidade a adequar o conhecimento e a ética aos anseios de uma sociedade que é sim irremediavelmente planetária, globalizada, mas a partir de outro signo. Não mais centrada no mercado e sua ética individualista,

competitiva e excludente, mas sim, nos melhores valores de uma ética da vida que contribua com o signo da humanização, que foi perdendo-se no transcurso do tempo. (Crefal, 2007, p. 16)

Na busca de uma ética universal para o ser humano, que Freire destaca centrada nos valores da solidariedade, da autonomia, do respeito à diversidade, da humildade, da tolerância, da amorosidade e da perseverança, Carlos Nunez, no mesmo evento, acrescenta elementos nessas aproximações entre os dois pensadores:

Superar a miopia e a soberba intelectual implica um rompimento intelectual e um reposicionamento ético; Morin e Freire assinalam, cada um a partir de sua perspectiva, a urgência e a pertinência deste reposicionamento. Daí a importância de assumir a virtude da humildade, que tanto predicava Paulo, para poder reconhecer os limites próprios: de reconhecer o processo de ensino-aprendizagem como uma unidade dialética em que ninguém sabe tudo nem ninguém ignora tudo. A urgência de promover o diálogo de saberes, de assumir a incerteza como motor da busca, para superar as sempre frágeis, temporais, e, portanto, inexistentes certezas; de buscar uma pedagogia da pergunta, de reconhecer o papel do educador democrático que não renuncia a seu papel, mas o assume de maneira diferente, participativa, dialógica democrática. Estes aspectos expressam somente algumas das intersecções das propostas destes extraordinários pensadores. (Crefal, 2007, p. 17)

## **Atividades educacionais e culturais neste campo**

Na teia de atividades educacionais e culturais originadas em setores governamentais e da sociedade civil, ou em conjunto, fixando na cidade de São Paulo, destaco um grupo delas como exemplos das orientações citadas. Na linha da “sociedade do espetáculo”, ou “sociedade da imagem”, um evento de grande difusão está na Virada Cultural. Em abril de 2011, foi realizada a sua 7ª edição, com 24 horas de programação, contando com a organização de instituições governamentais – Secretarias de Cultura do Estado e do Município – e privadas. O carro-chefe da Virada se centra na programação musical, contemplando distintos ritmos, estilos, artistas nacionais e internacionais. Ela abarca um programa de artes cênicas e visuais, ao lado de paradas, desfiles e maratonas.

Uma proposta relevante nesta temática, envolvendo também o campo religioso, é a do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular – CESEP, que comemorou, em 2010, seus 25 anos de existência. Dentre suas marcas fundantes estão a natureza ecumênica e latino-americana. Com o apoio de agências religiosas internacionais, católicas e protestantes, ele basicamente realiza cursos que conta com participantes das CEBs, pastorais sociais, ONGs e movimentos sociais, militantes, dirigentes, assessores, originários da Grande São Paulo, e participantes de âmbito regional, nacional e internacional. Os cursos básicos são: Pastoral e Relações de Gênero; Ecumenismo; e os cursos latino-americanos para militantes cristãos, e o de formação pastoral. Na esfera *on-line*, atualmente, ele cobre as áreas de Água e Cidadania, Ecologia e Juventude.

Uma experiência de maior relevância e difusão em algumas regiões do Brasil se centra no Curso de Verão. Ele é um programa de formação popular no campo sócio-cultural, a partir da realidade e dos seus desafios, à luz da Bíblia, Teologia, Pastoral e do compromisso cristão na sociedade – há sempre uma parte dedicada à análise de conjuntura da realidade social, econômica, política, cultural. Busca ser um espaço de convivência, partilha, troca de experiências, celebração e compromisso. Acolhe participantes empenhados na busca da unidade entre cristãos e entre homens e mulheres de toda a família humana, no esforço para se transformar as pessoas e a sociedade na linha da justiça e da solidariedade. É um curso realizado em mutirão: pessoas, famílias, comunidades, movimentos populares e instituições educativas e religiosas colocam-se gratuitamente a serviço de sua preparação ao longo do ano e de sua realização no mês de janeiro. Até hoje, ele conta com a colaboração fecunda da PUC de São Paulo, que coloca à sua disposição um conjunto de setores da sua infraestrutura. É um curso organizado para um grande número de participantes vindos de todas as regiões do Brasil e mesmo de países da América Latina, do Caribe e de outros continentes. Oferece, ao mesmo tempo, uma atenção muito especial a cada participante que é acolhido em grupos menores, dentro da metodologia da educação popular.

Para cada ano do curso, é publicado um livro denominado *Curso de Verão*, com temas selecionados com muita antecedência e que conta com textos elaborados pelos assessores. Outra marca significativa deste curso se encontra na arte, que busca o entrelaçamento entre criatividade e rigor discursivo, emoção e reflexão, beleza e compromisso.

Uma referência, no contexto das ONGs, é *Ação Educativa*, uma organização fundada em 1994, com a missão de promover os direitos educativos e da juventude, tendo em vista a justiça social, a democracia participativa e o desenvolvimento sustentável no Brasil. Ela atua com a juventude e a cultura da periferia, na Região Metropolitana de São Paulo, num sentido de mobilização e busca de alternativas sociais. Ela constituiu o Grupo Cultura da Periferia, que desenvolveu diversos projetos. O projeto *Ação Afro-Juvenil* – empreendimento de produção de papelaria reciclada com estética afro, visando a geração de trabalho e renda. O projeto *Video: Cultura e Trabalho*, com oficinas de aperfeiçoamento e produção de vídeos, que contou com a colaboração de outras instituições. O projeto *Centro de Mídia Juvenil* e estações de trabalho para jovens (que contam com sala de reuniões, uma ilha de edição, uma bancada de trabalho com computadores e impressora, além de uma midiateca constituída de livros, DVDs, CD-rooms e vídeos disponíveis para empréstimo e uso dos jovens).

Além de ajuda na publicação de textos e livros produzidos por pessoas da periferia, a *Ação Educativa* elabora uma Agenda Cultural da Periferia, um guia com eventos culturais voltado para as áreas periféricas de toda a Região Metropolitana de São Paulo. O objetivo principal é o de contribuir para a construção da cidadania cultural de setores sociais marginalizados, dando um sentido político de mobilização social. Espera-se, também, que o Poder Público reconheça essa criação da periferia e crie políticas públicas, levando cultura para a periferia e concomitantemente estimule a produção cultural nela existente. Basicamente, o projeto cobre atividades de *Hip Hop*, Rodas de Samba de Comunidade, Grafite e Literatura Periférica. As edições da Agenda Cultural da Periferia são mensais, com 24 páginas e tiragem de 20 mil exemplares distribuídos mensalmente; e conta com uma versão eletrônica.

Na *Ação Educativa* funcionam diversos Núcleos Culturais: Grafite, Literatura Periférica, *Hip Hop*, Rodas de Samba. Mantem, ainda, um Centro de Mídia Juvenil.

Esses elementos assinalados indicam a relevância dessa modalidade de projetos, que podem ser reconhecidos como impulsionadores ativos do relacionamento entre cultura popular e educação popular, com as convergências e divergências apontadas na conceituação e práticas realizadas; lembrando que existem outras experiências, também fecundas, existentes na zona metropolitana e na cidade de São Paulo, bem como em todo o Brasil.

## Referências bibliográficas

AÇÃO EDUCATIVA (2010). *Plano Trienal 2010-2012*. São Paulo, Ação Educativa.

\_\_\_\_\_. (2011). *Agenda Cultural da Periferia – capital e Grande São Paulo* (Vários números, Ano 5, n. 43, março). São Paulo, Ação Educativa.

BOSI, A. (1992). *Cultura brasileira e culturas brasileiras. Dialética da colonização*. São Paulo, Companhia das Letras.

CREFAL (Centro de Cooperación Regional para la Educación de Adultos en América Latina y el Caribe) (2007). *Estudios sobre el estado del arte de la educación de jóvenes y adultos (educación popular en 21 países latinoamericanos)*. México.

DOMINGUES, J. M. e MANEIRO, M. (orgs.) (2006). *América Latina hoje – conceitos e interpretações*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

FÁVERO, O. (2006). *Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB – Movimento de Educação de Base (1961/966)*. Campinas/SP, Autores Associados.

JARÁ HOLLIDAY, O. (2005). Resignifiquemos as propostas e práticas de educação popular perante os desafios históricos contemporâneos. *UNESCO/MEC/CEAAL. Educação popular na América Latina: diálogos e perspectivas*. Brasília.

MARCON, T. (2009). “Movimentos sociais populares e cultura: perspectivas de transformação e de cidadania”. In: FIOREZE, C. e MARCON, T. (orgs.). *O popular e a educação – movimentos sociais, políticas públicas e desenvolvimento*. Ijuí-RS, UNIJUI.

NUÑEZ HURTADO, C. (2007). *Diálogos Freire-Morin*. México, Crefal.

POSSANI, L. de F. P. e LOPES SANCHEZ, W. (orgs.) (2011). *Formação Ecumênica e Popular feita em mutirão – Curso de Verão 25 anos*. São Paulo, Paulus/CESEEP.

SOUSA SANTOS, B. (2000). *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. São Paulo, Cortez.

WANDERLEY, L. E. W. (1984). *Educar para Transformar: educação popular, Igreja Católica e política no Movimento de Educação de Base*. Petrópolis, Vozes.

\_\_\_\_\_. (2010). *Educação Popular: metamorfoses e veredas*. São Paulo, Cortez.